

A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DISCURSIVAS NO CORDEL ÉPICO: RELATOS DE PESQUISA

THE CONSTRUCTION OF DISCURSIVE IMAGES IN THE EPIC CORDEL: RESEARCH REPORTS

Flávio Passos Santana¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8722-0879>

Enviado em: 14/02/2026

Aceito em: 20/04/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: A literatura de cordel, hoje em dia, ocupa um lugar de destaque no panorama da cultura popular no Brasil, sobretudo na região Nordeste, local onde ela se consolidou como uma forma expressiva de oralidade e escrita. Neste trabalho, apresentamos relatos de nossas pesquisas nos últimos anos com o gênero cordel, mesclando a fonte analítica entre os estudos literários e os estudos linguísticos, estes tomando como base os preceitos da Retórica aristotélica e os da Nova Retórica, fundamentamo-nos, assim, nos estudos de Aristóteles (2011 [384-322 a.C.]), bem como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2005), Maingueneau (2005), Ferreira (2010). Assim sendo, utilizamos de três cordéis para discutir neste trabalho: *Lampião, herói ou bandido* (2010), de João Firmino Cabral (Itabaiana-SE); *Na feira dos Campos* (2016), de Pedro Meneses (Tobias Barreto-SE); e *Lembrança de Petrolina* (2025), de João Evódio de Silva Cesário (Petrolina-PE). Podemos concluir que, no decorrer dos últimos anos de investigação sobre cordéis, eles revelaram um notável poder de persuasão diante de seu orador, sempre apresentando estratégias eficazes para convencer o auditório. Além disso, podemos informar que as imagens discursivas desses oradores/eu-líricos, não só reforçam os valores da comunidade, como também se configuram como instrumentos de reconhecimento e valorização das práticas sociais e culturais de sua região.

Palavras-chave: Imagens discursivas; Cordel; Cultura.

Abstract: Cordel literature currently occupies a prominent place in the landscape of Brazilian popular culture, particularly in the Nordeste region, where it has established itself as a powerful form of both oral and written expression. In this study, we present findings from our recent research on the cordel genre, combining analytical perspectives from both literary and linguistic studies. The latter are grounded in the principles of Aristotelian Rhetoric and the New Rhetoric, based on the works of Aristóteles (2011 [384-322 B.C.]), as well as Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2005), Maingueneau (2005), and Ferreira (2010). To this end, we analyze three cordel texts: *Lampião, herói ou bandido* (2010), by João Firmino Cabral (Itabaiana-SE); *Na feira dos Campos* (2016), by Pedro Meneses (Tobias Barreto-SE); and

¹ Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina; Doutor; E-mail: flavio.passos@upe.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7361549897670974>; ORCID: 0000-0002-8722-0879

Lembrança de Petrolina (2025), by João Evódio de Silva Cesário (Petrolina-PE). Our findings indicate that, throughout recent years of research, cordel texts have demonstrated a remarkable persuasive power on their audiences, consistently employing effective rhetorical strategies to achieve persuasion. Furthermore, we argue that the discursive images constructed by the narrators/lyrical subjects not only reinforce the values of their communities but also serve as instruments of recognition and valorization of their regional social and cultural practices.

Keywords: Discursive images; Cordel; Culture.

Introdução

O presente trabalho é resultado da palestra proferida na III Jornada Internacional de Literatura de Cordel e Xilogravura, que aconteceu em abril de 2025, na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE. Na ocasião, objetivamos apresentar um panorama de nossas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos acerca do gênero épico na literatura de cordel.

Para tanto, foram apresentadas investigações desenvolvidas entre os anos 2013-2025 por meio de três cordéis. As obras são: *Lampião, herói ou bandido* (2010), de João Firmino Cabral (Itabaiana-SE); *Na feira dos Campos* (2016), de Pedro Meneses (Tobias Barreto-SE); e *Lembrança de Petrolina* (2025), de João Evódio de Silva Cesário (Petrolina-PE). A escolha do corpus analisado se deu devido à relevância das temáticas e a expressividade poética das narrativas. Ao longo da exposição, buscamos articular observações de cunho histórico e sociocultural, bem como as estratégias argumentativas utilizadas para evidenciarmos as imagens discursivas que dali emergiam.

Para condução deste trabalho, adotamos como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Velha e Nova Retórica. Fundamentamo-nos, assim, nos estudos de Aristóteles (2011 [384-322 a.C.]), bem como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2005), Maingueneau (2005), Ferreira (2010), cujas abordagens nos fornecem contribuições acentuadas para os estudos de estratégias argumentativas e do ethos discursivo (imagens discursivas). No que concerne aos estudos literários voltados para as epopeias e os estudos de cordel, nos detemos nas pesquisas de Ramalho (2013) e

Silva e Ramalho (2007), que trazem reflexões fundamentais para compreender as articulações sobre a tradição oral.

Este estudo está organizado em quatro partes interdependentes, alinhando abordagens da literatura e da linguística em uma perspectiva interdisciplinar. Na primeira parte, apresentamos a trajetória de nossas investigações no campo da literatura de cordel, com destaque para o interesse crescente pelas suas expressões épicas. Em seguida, na segunda parte, traçamos um panorama crítico das principais contribuições dos estudos literários sobre o gênero épico, ressaltando elementos que dialogam com o corpus analisado. A terceira parte é dedicada à fundamentação teórica, com base na Retórica aristotélica, especialmente no conceito de *ethos* – entendido como a construção de imagens discursivas pelo sujeito enunciador –, eixo central de nossa pesquisa. Por fim, na quarta parte, desenvolvemos as análises dos cordéis selecionados, evidenciando como tais imagens se constituem em estratégias de construção de sentido e de persuasão, refletindo valores culturais e identitários do universo representado.

1. Contexto Histórico sobre a nossa Inserção nos Estudos Épicos

Nosso contato com o gênero épico se deu ainda na graduação, com o convite da professora Dra. Christina Ramalho para participarmos do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), da Universidade Federal de Sergipe. À época, éramos pesquisadores de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) na área da Linguística, mas a Literatura sempre foi uma especialidade de grande interesse nosso.

Sabemos que existe uma resistência de alguns pesquisadores em desenvolver trabalhos que abordem Linguística e Literatura juntas por questões históricas e metodológicas, pois muitos linguistas entendem os literatos pouco rigorosos por adotarem perspectivas mais interpretativistas e subjetivas; os literatos, por sua vez,

vêm os linguistas como reducionistas por tomarem como norte abordagens sistemáticas e descritivas.

No entanto, entendemos essa interdisciplinaridade como algo relevante e que gera resultados positivos, visto que essa integração marca um modo de pesquisa que seja aberto, crítico e atento à complexidade da linguagem em suas diversas formas. Ainda, acreditamos que essa interdisciplinaridade promove pesquisas mais próximas às perspectivas históricas, sociais e culturais; visto que o cordel, entendido como manifestação popular, provoca os limites entre a oralidade e a escrita, a linguagem e a arte, a literatura e o cotidiano.

Como foi informado, selecionamos três pesquisas desenvolvidas e em fase de desenvolvimento para apresentar neste trabalho. A escolha da primeira, *Lampião, herói ou bandido* (2010), de João Firmino Cabral (Itabaiana-SE), se justifica por, na ocasião, estarmos inseridos em uma pesquisa que tinha como objetivo valorizar a cidade de Itabaiana-SE, urbe a qual estávamos vinculados no momento, enquanto estudante da Universidade Federal de Sergipe. Neste cordel, o orador apresenta uma narrativa que gira em torno da figura mítica de Lampião entre ter sido herói ou bandido.

A segunda escolha, *Na feira dos Campos* (2016), de Pedro Meneses (Tobias Barreto-SE), se deu pelo fato de, à época, estarmos atuando como docente em uma Faculdade privada na cidade de Tobias Barreto, também situada no estado de Sergipe. A proposta era valorizar a cultura da região por meio das produções literárias dos autores locais. A narrativa em questão é contada com um tom memorialista do autor acerca da Feira de Campos, em que ele relembra figuras importantes da cidade de Tobias Barreto (antes chamada de Campos) e de seus vendedores como pessoas trabalhadoras e empreendedoras.

Por sua vez, a terceira escolha e atual, *Lembrança de Petrolina* (2025), de João Evódio de Silva Cesário (Petrolina-PE), se dá em um contexto em que estamos atuando como docente na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina, e nosso projeto de pesquisa de PIBIC (2024-2025) tem como objetivo analisar textos literários sob a

perspectiva da Retórica e Argumentação, bem como aumentar o reconhecimento dos literários da região de Petrolina e do Vale do São Francisco. Nesta obra são apresentadas para o auditório, por meio de estratégias persuasivas, os motivos para visitar a conhecida Califórnia do Sertão.

Na seção seguinte, abordaremos a forma como o gênero épico tem sido compreendido e difundido ao longo do tempo, com ênfase nas principais características que o definem e nas leituras críticas que contribuem para a sua configuração. Buscaremos, assim, delinear um panorama que permita situar o cordel dentro desse horizonte, evidenciando aproximações e tensões entre a tradição épica e suas manifestações na literatura popular.

2. Entendendo um Pouco sobre o Gênero Épico

De acordo com Silva e Ramalho (2007), a epopeia é caracterizada pela “dupla instância da enunciação”, que são a narrativa e a lírica, e é definida como tendo um discurso híbrido, autônomo. É essa dupla instância do eu-lírico e narrador que diferencia o discurso das epopeias dos demais discursos.

O eu-lírico/narrador é uma instância discursiva híbrida, isso significa que os dois, eu-lírico e narrador, exercem a ação enunciativa épica em conjunto, de modo que o fato de um sobressair-se em relação ao outro, não altera a natureza híbrida de discurso nem de gênero que define a epopeia. (Silva; Ramalho, 2007, p. 52)

Sobre a composição desse gênero, segundo os autores, por mesclar entre os gêneros narrativo e lírico, ela apresenta personagem, espaço, acontecimentos e narrador, alocados em uma estrutura de proposta de realidade; em contrapartida, os componentes da lírica: eu-lírico, espaço lírico e motivação lírica são envolvidos na expressão da experiência lírica.

Outro aspecto apontado como distinto entre epopeia e narrativa é a “natureza da proposição de realidade estruturada”. Isso porque a narrativa estrutura sua posição

de realidade ficcional; a epopeia, por sua vez, tem como base a realidade histórica porque ela é alimentada do real e do mítico na matéria épica. Vale ressaltar, conforme Ramalho (2013), que a epopeia e a matéria épica não são sinônimos. A matéria épica pode ser entendida, conforme Silva e Ramalho (2007), como sendo uma unidade articulatória que resulta da fusão entre um determinado acontecimento histórico e uma camada mítica, em que esta opera um movimento de descentralização de seu sentido. Além disso, pode-se confirmar que a matéria épica possui uma dimensão real e mítica e é caracterizada pela incorporação dessas perspectivas.

Por fim, podemos, então, caracterizar a epopeia como uma criação literária de uma matéria épica e apresenta três planejamentos organizacionais: o histórico, o maravilhoso e o literário. No histórico, a verdadeira natureza da matéria épica torna-se evidente; no maravilhoso, a dimensão mítica se faz presente; no literário, a intervenção criativa do poeta se revela na sua dimensão (Silva; Ramalho, 2007, p. 56).

Na próxima seção, apresentamos os principais fundamentos da retórica aristotélica, com especial atenção ao conceito de *ethos*. Procuraremos, ainda, discutir os desdobramentos e reformulações desse conceito ao longo do tempo, considerando suas ressignificações nas tradições retóricas posteriores, notadamente na Nova Retórica, com vistas a estabelecer o arcabouço teórico que sustenta nossas análises.

3. Retórica e Argumentação: Pontos Fundamentais

A Retórica aristotélica é entendida como uma teoria da persuasão, que se fundamenta no sentido de que persuadir não é simplesmente uma técnica de convencimento, mas uma técnica de estudo e análise de entender as estratégias argumentativas mais eficazes para persuadir o auditório, em distintas situações comunicativas.

Aristóteles (2011 [384-322 a. C.]) definiu os três meios de persuasão com a criação do triângulo aristotélico para entender o funcionamento da retórica. O primeiro elemento, denominado de *ethos*, à época, referia-se à credibilidade e caráter

do orador. No decorrer do tempo, o seu conceito foi se reformulando e, hoje em dia, entendemos como a imagem do orador projetada em seu discurso. O páthos, pode ser entendido como as emoções que são suscitadas no auditório no processo argumentativo. O logos, por sua vez, está relacionado à lógica, tem como base os argumentos, podemos entendê-lo como o discurso utilizado para a construção do processo argumentativo.

Neste trabalho, nos deteremos ao estudo do ethos, também entendido como imagens discursivas, pois observaremos como as imagens dos oradores dos cordéis em questão se mostram em seu discurso por meio de estratégias argumentativas utilizadas em suas narrativas. Podemos dizer que as imagens discursivas, bem desenvolvidas, podem ter o poder de moldar a maneira como o auditório percebe e interpreta o mundo ao seu redor, e isso fica evidenciado no discurso do orador, pelo modo como este apresenta em seu texto as crenças e os valores para o seu auditório.

A Nova Retórica surge em meados de 1960, com o *Tratado da Argumentação*: A Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, em que ampliou o campo retórico para além da lógica tradicional, oferecendo instrumentos para analisar discursos em diversos contextos e resgata a visão da Retórica como uma arte de persuasão, que tinha sido perdida no decorrer do tempo.

Para entender como os oradores dos cordéis constroem seu discurso, é importante levar em consideração que os escritores (o eu no discurso), de modo geral, no discurso persuasivo, devem levar sempre em consideração quem será o seu possível auditório (o tu discursivo) para escolher as estratégias argumentativas mais eficazes. Com base nisso, Fiorin (2008), utilizando dos estudos de Benveniste informa que

A enunciação é a instância do *ego, hic, et nunc*. O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecido como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação [...] Ambos constituem o sujeito da enunciação [...] a enunciação é tida como a instância linguística logicamente pressuposta pela existência do enunciado. (Fiorin, 2008, p. 137-138)

Assim, para todo enunciado teremos um “eu digo” que será pressuposto a esse enunciado, mesmo que nele já esteja contido “eu digo”. É levando em consideração essa perspectiva que devemos diferenciar essas duas instâncias: o eu pressuposto, que é o enunciadador e o eu projetado no interior do enunciado, que é o narrador/eu-lírico. A partir do momento que o narrador dá a palavra para os personagens dialogarem por meio do discurso direto, teremos o interlocutor e o interlocutário, que passam a assumir a função de eu e tu nessa instância.

Vale ressaltar que, nessa perspectiva, enunciadador e enunciatário não devem ser entendidos como as pessoas físicas, reais, mas imagens discursivas desses sujeitos projetadas dentro do texto em análise.

No tópico seguinte, apresentaremos as análises decorrentes de nossas investigações, fundamentadas nos postulados da Retórica Clássica, especialmente a aristotélica, e em seus desdobramentos contemporâneos, conforme propostos pela Nova Retórica. Nosso objetivo é evidenciar como essas perspectivas teóricas contribuem para a compreensão das estratégias argumentativas presentes nos cordéis selecionados.

4. Os Cordéis na Prática

Nesta seção, serão apresentadas as análises dos cordéis previamente mencionados, à luz das teorias discutidas anteriormente. O procedimento analítico consistirá na exposição de excertos selecionados das obras, com o intuito de tornar a análise mais ilustrativa e significativa, seguida da discussão interpretativa desses trechos, com base nos aportes teóricos que fundamentam este estudo, de modo a evidenciar as estratégias discursivas e argumentativas mobilizadas pelos textos.

4.1 *Lampião, herói ou bandido* (2010), de João Firmino Cabral (Itabaiana-SE)

O leitor vai ler agora
Na linguagem popular
Mais um pequeno folheto
No qual pretendo contar
Quem foi esse cangaceiro
No meu modo de pensar. (Cabral, 2010, p. 01)

De acordo com a Retórica, todo discurso é persuasivo. Nos versos acima, o orador enuncia que não busca persuadir o leitor, apenas ‘contar’ quem foi Lampião. No entanto, a partir do momento que ele decide construir uma narrativa para falar sobre determinado assunto, ele fará uso de estratégias argumentativas para persuadir o auditório de que aquilo que ele apresenta é verdadeiro. Para isso, conforme Fiorin (2008, p. 154), “o orador precisa saber o que pensam, sentem, opinam e esperam aqueles a quem se deseja persuadir.”

O auditório também não é um ser passivo, mas deve ser entendido como um produtor do discurso, visto que ele interpreta, avalia e, também, rejeita significações. Nesse sentido, a eficácia do orador levará em consideração o julgamento feito pelo auditório. É por isso que é tão importante conhecer bem o auditório para conseguir a adesão dos espíritos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005).

Ao iniciar a história de Lampião, o orador informa que ele era de uma família calma e honesta, utilizando, nesse momento, o lugar de pessoa, que diz respeito aos “valores derivados de pessoa, vinculados à sua dignidade” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 107).

Filho de José Ferreira,
Um pequeno agricultor,
E dona Maria Lopes,
Mulher de honra e pudor,
Um casal muito feliz,
Honesto e trabalhador. (Cabral, 2010, p. 02)

Para informar que Lampião e sua família foram desviados da honestidade, é apresentado o personagem Zé Saturino, que sempre criava algum contratempo com a família de Lampião. É por essa razão que Zé Ferreira, o patriarca, vai para o estado de

Alagoas, mas o Zé Saturino, juntamente com o Coronel Lucena e “Uns trinta policiais”, vai atrás da família Ferreira e assassina o pai de Lampião. Nessa cena, podemos notar a presença de uma estratégia da “preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre o difícil” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005). Isso porque se a família de Lampião não era perigosa e não cometeu crime, seria desnecessário levar trinta policiais para matar Zé Ferreira.

Foi assim com Virgolino,
Em bandido transformado,
Junto como os três irmãos,
Cada qual mais bem armado,
Enfrentou vários combates –
Em poucos foi derrotado. (Cabral, 2010, p. 25)

Aqui é explicada que a transformação de Lampião ocorreu devido a morte de seu pai e pelo fato de existir desigualdades sociais entre ricos e pobres. Tempos depois, já com o bando formado, Massilon, um de seus cangaceiros, informa que existe uma cidade muito rica chamada Mossoró e que eles podem invadir. No entanto, Virgolino pergunta quantas igrejas a cidade possui. Massilon informa que há três e Lampião diz que não é adequado porque não dá para vencer ninguém em cidades com mais de três igrejas. A partir desse episódio, é possível verificar a religiosidade e o respeito que os cangaceiros tinham por lugares com essas características.

Na passagem que retrata a morte de Lampião, em Poço Redondo-Se, o orador fala sobre os coiteiros.

Confiado nos coiteiros
Ficou ali Virgolino
Juntamente a Zé Sereno,
Outro bandido ladino,
Fez ali muitas barracas
Com seu bando ferino. (Cabral, 2010, p. 24)

O fato de Lampião confiar nos coiteiros de Sergipe, não temer traição e fazer amizade com os sergipanos, como é apontado no cordel, diferente de outros estados

em que o cangaceiro passou; o orador cria uma imagem do sergipano, aproximando-o ao ethos de Lampião. Dessa forma, podemos dizer que a imagem discursiva do sergipano, criada no texto pelo orador, é de um povo valente, corajoso e que compactuava com as ideias e crimes cometidos por Lampião.

Na cena da morte dos cangaceiros, estes são apresentados como inocentes e que foram pegos de surpresa pelos policiais, evidenciando uma imagem de cangaceiros do bem e os eleva à figura da realeza.

Virgolino com Maria,
Por serem chefes do bando,
Receberam uma rajada
Que caíram arquejando.
Assim morreram abraçados
Contra a sorte praguejando.

Onze corpos sem cabeças
Ficaram naquela grotá:
Rei, rainha e nove cabras
Aquele quadro denota
Que o rei dos cangaceiros
Sofreu a maior derrota. (Cabral, 2010, p. 30)

O término do texto retoma o discurso religioso para reforçar o argumento de autoridade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005). “Porém tudo tem seu fim / Diz o Novo Testamento. O orador informa que não julga se Lampião foi bandido ou herói, no entanto, por meio dos argumentos utilizados em seu discurso, fica evidente que ele privilegia a imagem do Lampião bandido. Apesar disso, Lampião aparece na narrativa como o herói entendido na epopeia, pois, por meio de seus feitos, sua figura se tornou imortal na nossa história.

Para alcançar o estatuto épico de herói, precisa pisar o solo maravilhoso, ou seja, passar do plano histórico para o plano maravilhoso, provando a transformação mítica que, resgatando-o da consumação do tempo histórico, confere-lhe a imortalidade épica (Silva; Ramalho, 2007, p. 60).

4.2 Na feira dos Campos (2016), de Pedro Meneses (Tobias Barreto-SE)

O autor deste cordel é conhecido onde mora pelos textos que escreve, muitos deles cordéis, e pela sua preocupação em valorizar a cultura e história de sua cidade. O texto em análise possui 26 estrofes e 156 versos e o orador/eu-lírico conta a narrativa com um tom memorialista, pois ele resgata memórias de sua infância, quando ia à feira da cidade com o seu pai. Essa retomada à infância é verificada nas primeiras estrofes.

Meu pai disse: Filho
Hoje vamos viajar
Para a cidade de Campos
Você vai apreciar
A grande feira que temos
Ali naquele lugar.

Era chamada de Campos
Hoje chamamos de Tobias
Tem muita coisa pra ver
Lhe dou minhas garantias
Cidade de Zé e João
Dos Tiagos e Marias. (Meneses, 2016, p. 04)

Como já foi mencionado, Aristóteles (2011 [384-322 a. C]) entedia o *ethos* como o caráter do orador. No entanto, nos estudos discursivos mais atuais, especificamente os de Amossy (2005), o orador não precisa falar dele, pois, por meio do seu estilo, das crenças e competências linguísticas apresentadas em seu discurso, se obtém essa imagem. Ferreira (2010) vai mais além e diz que a construção do *ethos* se tanto pela imagem que o orador constrói de si no texto quanto da imagem que ele constrói dos outros. Mariano (2016), por sua vez, informa que, ao sermos considerados sujeitos sociais, construímos, além do *ethos* individual, um *ethos* coletivo, que vai nos mostrar como pertencentes a um determinado grupo social. Esse pensamento vai ser difundido pelo modo como esses cordelistas apresentam suas narrativas em seus textos, pois eles criam uma imagem de si, mas denunciam também a imagem do povo o qual ele pertence (a região da qual eles falam).

Paramos em Zé Marroca
Para comprar um chapéu
Na calçada pai comprou
5 livros de cordel
E lá no barracão velho
Compramos bala de mel

Ainda no Barracão
Compramos bolo de fubá
Tomamos café com leite
Na barraca de Sinhá
Que vinha do Candéal
Nessa feira trabalhar. (Meneses, 2016, p. 06)

Essa apresentação dos produtos comprados e vendidos na feira remete aos lugares da quantidade defendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando se afirma que algo é melhor que outro por questões quantitativas. Em algumas estrofes abaixo, é utilizado o argumento de lugar da essência, em que é concedido um valor superior a alguém “enquanto representantes bem caracterizados dessa essência” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 106).

Lá na Praça da Bandeira
Falei com Pedro Correia
Que vendia seus produtos
Sem falar da vida alheia
Vi saudoso Zé de Pepedro

Vi o padre celebrar
Isso nunca ignoro
Hoje é a prefeitura
Antigamente era Fórum
Encontrei com seu Edinho
Um homem muito simplório

Fui no mercado da carne
Quase por brincadeira
Avistei dona Raimunda
Aquele humilde fateira
Trabalhando honestamente
Mulher de fibra, guerreira. (Meneses, 2016, p. 10)

Podemos entender essa positividade nas características desses indivíduos como uma estratégia persuasiva, denominada de figura de comunhão, que é quando o orador buscar criar uma aproximação com o auditório, no caso em questão, essa comunhão se dá por à mesma cultura, referências de seus leitores.

4.3 *Lembrança de Petrolina (2025)*, de João Evódio de Silva Cesário (Petrolina-PE)

Este cordel apresenta uma narrativa em que se busca convencer o leitor de que visitar a cidade de Petrolina é algo positivo. Para isso, o eu-lírico traz diversos argumentos quantitativos, qualificativos sobre pontos turísticos da região, a gastronomia local, a receptividade de seus habitantes, a cultura desse povo. Sempre apontado nomeando e informando onde encontrar as fontes mencionadas.

Como o presente texto está sendo analisado pela nossa orientanda de PIBIC (2024-2025), ainda não temos resultados concretos sobre os resultados. No entanto, já verificamos uma tendência para a valorização local, cultural e histórica da região. Apontando que as belezas naturais são especiais e o acolhimento positivo do povo de Petrolina.

Considerações Finais

Ao longo dos últimos anos de investigação sobre o cordel, por meio dos estudos retórico-argumentativos, percebemos a expressiva riqueza estética e discursiva que esse gênero possui. Os cordéis revelaram um notável poder de persuasão diante de seu orador, sempre apresentando estratégias eficazes para convencer o auditório, seja por meio relatos históricos para evidenciar a concretude da realidade, seja por questões culturais para criar uma aproximação e pertencimento ao local.

E é nesse sentido que percebemos a relevância de se debruçar sobre esse gênero, muitas vezes, tido como marginalizado, mas que possui uma densidade social, histórica

e cultural sobre os assuntos que aborda. Além disso, podemos informar que as imagens discursivas desses oradores/eu-líricos, não só reforçam os valores da comunidade, como também se configuram como instrumentos de reconhecimento e valorização das práticas sociais e culturais de sua região; pois há sempre uma preocupação em argumentar trazendo esses assuntos à baila. Seja como pessoas honestas, trabalhadoras, empreendedoras, acolhedoras. Concluimos confirmando o pensamento de Santana e Jesus (2019, p. 1859), de que esses cordéis remetem ao épico contemporâneo popular, que é mais voltado em narrar o cotidiano nordestino e criar uma imagem de herói para o seu povo.

Referências

- AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (sem itálico). São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-144.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. [384-322 a.C]. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CABRAL, João Firmino. *Lampião, herói ou bandido?* 2. ed. Fortaleza: Tupynaquim, 2010.
- CESÁRIO, João Evódio Silva. *Lembrança de Petrolina: literatura de cordel*. 2. ed. Petrolina: Cordelária, 2025.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.
- MARIANO, Márcia Regina Pereira Curado. A construção da imagem discursiva de uma cidade e de um povo na literatura de cordel. In: MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira; SANTANA, Flávio Passos (Orgs.). *Diversas faces de Itabaiana: análises de imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros*. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2016, p. 97-116
- MENESES, Pedro. *Na feira dos Campos*. Literatura de cordel, 2016.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. [1958]. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RAMALHO, Christina. *Poemas épicos: estratégias de leitura*. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

SANTANA, F. P.; JESUS, N. V. dos S. de. Argumentação e discurso: o ethos tobiense no cordel “Na Feira dos Campos”. In: *Anais do VII SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Universidade Federal Rural de Pernambuco: Porto de Galinhas-PE, 2019, p. 1852-1859.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da Silva; RAMALHO, Christina. *História da Epopeia Brasileira: teoria crítica e percurso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.